

JOÃO PESSOA

RUBEM BRAGA

Quem vai do aeroporto para a cidade, em João Pessoa, atravessa arrabaldes das mais belas de qualquer cidade do Brasil. O terreno não tem nada de especial, é quase completamente plano, e as casas são mais ou menos vulgares; mas os quintais de arvores imensas se sucedem como se a capital da Paraíba fosse construída no centro de um grande pomar. Cajueiros, mangueiras, pés de fruta-pão, mangabeira, uma sucessão de arvores de fruta e de sombra dão a esta cidade um encanto já perdido em muitos outros centros do Brasil. É doloroso pensar que uma expansão maior da cidade e a valorização dos imóveis poderão trazer a destruição dessas belas arvores gordas e maternais que outras gerações nos legaram. Sempre me revoltarei contra a inconsciência de nossas administrações municipais, que infernizam com regulamentos, licenças e multas qualquer sujeito que quer fazer uma puxadinha em sua casa ou botar abaixo uma parede e ignoram o homem cupido e insensato que derruba uma dessas arvores. Elas deveriam constar das plantas dos imóveis, elas são, na verdade, bens-ímóveis de alto e sagrado valor para o dono e para a cidade, em que ninguém deveria ter o direito de tocar sem um motivo grave. As mais belas e antigas fazem parte, a rigor, do patrimônio artístico e histórico do país, e uma gameleira centenária ou um pau d'arco merecem tanta proteção como um sobrado de azulejos do século passado.

Honra seja feita aos paraibanos de ontem, eles não ficaram contentes com as arvores de seu quintal e povoaram com elas muitas ruas e praças; que sombra mais fresca há no mundo que a de uma dessas gameleiras que na praia de Tambaú foram para a frente das casas e dos coqueiros e recebem, junto da praia, sem entortar um ramo, a carícia forte e perene dos alísios? Por que não plantar outras para os homens do século 2000, agradecendo o que fizeram para nós os de 1900?

Não me basta imaginar que o governo da Paraíba preserve com rigor essas arvores públicas e outras, como as daquela imensa praça com uma lagoa no meio, que é uma das mais belas do Brasil, e que, longe de ser "modernizada", deve ser replantada e aperfeiçoada em sua nobre e simples beleza antiga. Imagino uma campanha metódica para salvar essas belezas sagradas — e uma ação imediata para impedir que desapareça o Engenho da Graça, com sua piscina, sua capela e suas nobres arvores.

João Pessoa ainda tem maravilhas que, no Recife, alagado de mangues, tiveram de ser destruídas ou se defendem quase apenas em subúrbios distantes. Aqui a terra é plana e seca; a cidade pode crescer sem assassinar sua própria beleza, se houver sabedoria em seus homens — sabedoria e ternura por essas coisas que se não fazem com dinheiro nem com cimento armado, mas com o tempo longo e o puro amor.